

9.

Epílogo - dando vida aos perfis: falas de protagonistas da “guerra” sobre o cotidiano da Maré

9.1.

“Frente de Batalha”: a violência percebida em outro espaço e tempo da Maré, e as consequências advindas

A incursão policial ocorreu em 14 de abril de 2009, na favela da Baixa do Sapateiro. Segundo informações do comandante do 22º Batalhão, a operação foi realizada pela Polícia Civil, que veio até a Maré cumprir um mandado de prisão. Alguns policiais do Batalhão se uniram à equipe, a fim de colaborar com trabalho. O resultado deixado pela busca da polícia na Maré naquele dia foi a morte de um adolescente de dezessete anos, morador da favela Baixa do Sapateiro. Ele foi atingido por um tiro na cabeça, quando se encontrava na porta de casa, conversando com amigos. Felipe dos Santos Correia de Lima era um jovem que estudava numa escola pública da região e trabalhava como ajudante de uma lanchonete.

A operação que culminou com a morte de Felipe deixou mais uma marca negativa junto aos moradores da Maré em relação à polícia. O acontecimento aprofundou ainda mais o hiato que separa o trabalho dos profissionais da segurança e a população local. Mais uma vez, como em tantas outras ocasiões, foram divulgadas versões diferenciadas para o ocorrido. Os moradores relataram que os policiais chegaram de maneira agitada, apontando armas e atirando a esmo. Ao se aproximar das imediações da casa do jovem assassinado, os policiais teriam simplesmente atirado, sem verificar quem estava, de fato, na rua. Naturalmente, a versão dos policiais é oposta, afirmando que simplesmente reagiram aos disparos de traficantes de drogas.

Aquele confronto foi marcante para mim, pois me transportou para a morte de Renan da Costa Ribeiro, a criança de três anos, vitimada em 2006, por uma daquelas incursões policiais na Maré. Na ocasião, um grupo de moradores, no qual me incluía, realizou protesto em frente o Batalhão da Maré. Remeti-me a

todo o processo, ao grande conflito entre a polícia e a população na ocasião. O dia era outro, assim como minha situação e localização: no dia da morte de Felipe, eu me encontrava dentro do Batalhão, realizando entrevistas para a tese. O sentimento que me acometeu foi bastante curioso: um misto de tristeza, impotência, revolta; mas, principalmente, um desejo enorme de entender como fatos como aquele eram percebidos pelos policiais e como eles lidavam com isso.

O alvoroço era enorme. Os policiais saíam e entravam da sala do comandante trazendo informações sobre o ocorrido e, também, constatando a indignação que tomava conta dos moradores. Àquela altura, já se aglomeravam moradores na Linha Vermelha, cujo tráfego ficou parado por algumas horas, devido ao protesto contra a ação policial. Os policiais civis e militares tentaram conter os moradores, porém, mais uma vez, houve reações de agressividade e violência das duas partes. Alguns canais de televisão mostraram ao vivo o ocorrido, com alguns jornalistas descrevendo a manifestação, tentando se proteger entre um tiro e outro.

Ao perguntar ao comandante sobre as razões que levaram à morte do jovem Felipe, ele foi enfático em dizer que não poderia afirmar que o tiro havia saído das armas dos policiais, mas que, de fato, o rapaz estava num contexto suspeito, fato que levou à ação agressiva da polícia.

Ali, na vivência tão direta da tensão policial, percebi que algo mudara em mim, desde a morte de Renan, em relação à corporação policial. Meu sentimento de indignação com as práticas violentas contra a população das favelas, dentre outras, não diminuía. Mas tornou-se evidente que o problema era mais profundo, ia além das características pessoais dos policiais ou de um eventual desprezo à vida dos pobres. Os problemas residem, na origem, na própria concepção de ação do policial, na afirmação de um *ethos* “guerreiro”, alimentado de forma cotidiana, na distância entre as partes – policiais e moradores das favelas – e o ressentimento acumulado, em função de anos de conflitos e afastamento, no esforço para dar sentido à própria vida cotidiana da melhor forma possível, sem que se preste devidamente atenção nas dores, esforços e significado da vida para o outro. Enfim, ficou claro para mim que o caminho para evitar novas mortes, conflitos e dores estava no reconhecimento, cada vez mais amplo, da humanidade das pessoas envolvidas, em suas contradições, e, a partir daí, trabalhar na construção permanente de canais de diálogo. Foi de então que percebi como estava tomada

pela necessidade de ampliar o contato entre as pessoas que fazem a instituição policial, além das integrantes de outras organizações do Estado, e os moradores da Maré. Após a consciência mais explícita sobre como a estratégia do diálogo propositivo tinha se tornado importante para minha ação na Maré, algo aparentemente tão trivial, embora nunca praticado como estratégia de ação, avancei muito mais no desenvolvimento de proposições voltadas para a construção permanente de canais de encontro. E esse se tornou, felizmente, um caminho sem volta, que envolve cada vez mais pessoas²⁷⁰.

²⁷⁰. A REDES da Maré, em parceria com outras organizações da Maré, já realizou duas atividades públicas reunindo moradores e integrantes do comando do Batalhão da Maré e da Secretaria de Educação; uma delas foi a Conferência Livre de Segurança Pública, iniciativa que descrevo em outro momento do texto.

9.2. Sobre as falas e seus autores

Os dados oriundos dos questionários, em sua diversidade, ajudaram-me a melhor identificar as posições dos grupos sociais da Maré, a respeito de uma série de temas. Nesse sentido, o material coletado foi bastante útil. Ele, todavia, não permite uma compreensão mais detida sobre o significado que as pessoas conferem às suas proposições e juízos. Em função disso, busquei entrevistar algumas pessoas pertencentes a uma das categorias identificadas nos perfis expostos no capítulo anterior, de modo que pudessem me trazer mais detalhes sobre suas percepções a respeito da realidade da Maré e, em especial, das situações de violência. Não tenho a expectativa, naturalmente, de que as falas individuais possam ser “representativas” dos diferentes perfis – moradores, traficantes de drogas e policiais²⁷¹ Também não trabalhei com a idéia weberiana de “tipo ideal”, por achar que caberia um trabalho teórico e analítico muito mais sofisticado que o proposto na tese para a definição do que seria o “morador”, o “traficante”, e o “policial”, atores centrais da investigação.

O que busco aqui é trazer a fala de pessoas que vivem, de forma intensa, a realidade da violência da Maré e, a partir de suas representações distintas sobre a realidade local, ampliar as possibilidades do eventual leitor se situar sobre a realidade local. Creio, no caso do uso das falas, mais em um movimento interpretativo dominado pela possibilidade de estabelecimento de eventuais analogias pelo leitor do que por uma pretensa descrição objetivamente científica.

A escolha dos personagens foi motivada por algumas razões óbvias e outras mais subjetivas. Apresento quatro depoimentos: uma moradora, um traficante de drogas e dois policiais²⁷² A moradora reside há dezenas de anos na Maré e já passou por diversas situações, tanto na condição de moradora, como de militante em organizações sociais locais. Ela é marcada pela perda do único filho, devido a uma bala à procura da morte. Assim, considere que a descrição de sua dor e de

²⁷¹ Não consegui, apesar de inúmeras tentativas, entrevistar, de modo profundo, integrante algum da milícia da Maré. Todos os contatados se recusaram a ir além da simples resposta ao questionário. O argumento central – além do medo de se exporem em um momento de fragilidade dos grupos, visto o ataque efetivado pelas forças de segurança contra o grupo criminoso em outras partes do Rio de Janeiro durante a realização das entrevistas – é que eles não se sentem milicianos, no sentido que a mídia e as organizações dos direitos humanos denominam, mas simplesmente “defensores da comunidade”.

²⁷² Realizei também uma longa sessão de entrevistas com um delegado da polícia civil. Utilizo-a, entretanto, no capítulo 8, pelas razões apresentadas naquela seção.

seu compromisso com a coletividade permitiria uma percepção do impacto da violência na Maré. O traficante de drogas é o chefe de um dos grupos criminosos armados da Maré. A apresentação do relato de alguém em uma posição de poder tão destacada me pareceu importante, para o melhor conhecimento da lógica que norteia a ação de alguém que chegou a uma posição de poder em uma facção. Por fim, apresento os relatos de dois policiais, um *praça* e um oficial, integrantes da PM. A Polícia Militar é uma organização fortemente hierarquizada e julguei que trazer os depoimentos de profissionais, em condições distintas, permitiria ao leitor uma compreensão mais abrangente sobre o fenômeno da violência nas favelas do Rio de Janeiro e a percepção de policiais a respeito. Além disso, um melhor entendimento das representações e práticas dos integrantes da corporação policial é um dos objetivos centrais da tese, logo, um maior espaço para suas falas pareceu-me coerente com os objetivos afirmados.

As entrevistas tiveram tempos distintos de duração. Por razões óbvias, a do traficante foi a que durou menor tempo; assim, ele teve um menor espaço de fala. Com o oficial, por razões diversas, tive um pouco mais de tempo, mas bem menos do que tive, por exemplo, com a moradora. No caso do *praça* da PM, consegui entrevistá-lo várias vezes, aproveitando a oportunidade para estabelecer um diálogo detalhado, até então inédito para mim. Em função disso, consegui, e apresento no capítulo, um registro longo de suas proposições.

Tentei evitar uma edição das falas que pudesse macular o sentido proposto pelos autores das entrevistas; isso é sempre algo difícil, principalmente diante da preocupação em garantir o anonimato dos entrevistados envolvidos mais diretamente no conflito. Tomei o cuidado, também, de retirar, quando possível, expressões típicas da fala, tais como repetições constantes, interjeições que se tornam exageradas no texto escrito e outros elementos afins. Tudo isso para que o leitor tenha a chance de apreender de forma abrangente, mas objetiva, o sentido das falas; desse modo, o leitor terá melhores condições para construir uma apreensão mais apurada da “frente de batalha” que se tornou a favela da Maré e, talvez, vislumbrar alguns caminhos para sua superação.

9.3. Fala de uma moradora

“Nasci em Minas Gerais, tenho cinquenta e nove anos. Vim para o Rio de Janeiro em 1970. De início, com uma irmã, e depois me mudei para Nova Holanda. Em Minas, morava com minha mãe e lá era muito difícil achar trabalho. Eu tinha acabado de terminar o ginásio, agora o ensino fundamental, e precisava trabalhar, pois o meu pai já havia morrido. Por isso, minha mãe permitiu-me vir para cá. Comecei a trabalhar em fábricas, depois fui para casa de família, como doméstica. Voltei para fábrica, sempre prosseguindo meus estudos. Fiz até o Técnico de Contabilidade, curso do atual ensino médio. Depois, fui trabalhar no comércio, na parte da administração, durante vinte e quatro anos. Estou aposentada desde 1997. Aposentei-me com valor proporcional, porque estava querendo fazer outra coisa.

Aproximadamente há trinta anos moro em Nova Holanda. Antes morava em Heliópolis e o transporte era muito difícil, porque eu trabalhava em São Cristóvão. Minha tia chamou-me, então, para vir morar aqui. Aceitei, acabei gostando e estou aqui até hoje. Antes de vir para cá, minha tia morava na favela do Esqueleto²⁷³ Ela veio para cá na fundação da Nova Holanda. Eu gosto de morar aqui, apesar de tudo, eu gosto de morar aqui na Nova Holanda.

A favela mudou muito! Muito mesmo. Pro bem e pro mal, né? As conquistas, as coisas que a gente tem agora que nós não tínhamos. A gente não tinha água, não tinha luz, as ruas não eram calçadas. E tudo isso a gente tem agora, mas, junto com isso, a violência foi aumentando também. Vieram pessoas de vários lugares, e foi aumentando a violência, aumentando, e está o que é hoje.

A violência mudou muito com o tempo. Eu acho que os moradores eram mais respeitados há anos atrás. As coisas que se fazem hoje com os moradores, tipo roubar nas casas, por exemplo. Isso anos atrás não se fazia. Agora, roubam bomba, roubam bicicleta, roubam, se você deixar uma coisa aberta, roubam aparelhos eletrodomésticos, qualquer coisa roubam da tua casa. Até roupa na corda roubam se você deixar. Antigamente, os moradores eram respeitados.²⁷⁴ Anos atrás, você não via ninguém fumando nas esquinas, não via os meninos portando arma. Na época do Brizola, não se via, né? Tudo era às escondidas, só quando tinha alguma coisa séria, é que se via. Mas agora é uma afronta, você vê crianças com armas maiores do que eles, às vezes eles sentam na tua porta, fumam e você não tem condições de falar nada. Tem que pedir com carinho para ver se eles vão fumar um pouquinho mais adiante, senão você fica

²⁷³ Favela removida para a construção do prédio da UERJ, no bairro Maracanã. A população daquela favela foi uma das removidas para o Centro de Habitação Provisória Nova Holanda.

²⁷⁴ Os roubos na favela são recentes e começaram a ocorrer após a introdução do *crack*, que parece ser o fator responsável por uma prática que é duramente combatida na favela e pode levar à morte.

sufocada ali. É um absurdo isso.

Na comunidade, eu gosto de participar dos projetos sociais. Atualmente, eu participo da creche comunitária, mas já fiz parte da associação de moradores, da cooperativa e também da igreja católica; desde que cheguei aqui, eu faço parte dela. Eu sou ministra da eucaristia. Faço parte do caminho catecumenal, que é um caminho para a catequese, caminho de conversão. Eu gosto muito de trabalho comunitário. Eu tenho um sonho de trabalhar no serviço social, mas várias vezes, quando eu penso em estudar, sempre acontece alguma coisa na minha vida que me impede de começar de novo. Eu quero fazer um pré-vestibular. Quero muito ainda terminar minha vida trabalhando no serviço social. Eu acho gratificante você estar se envolvendo com as pessoas, ajudando as pessoas.

Eu gosto de estar ajudando as pessoas. Eu fiz há dois anos esse trabalho durante os Jogos Pan-Americanos, fui monitora. Eu amei fazer esse serviço. Eu achei muito gostoso pegar meninos, aqui dentro da favela, que não sabiam ir à caixa econômica de Ramos e ajudar eles a descobrirem isso; ficava apavorada de ver menino que não sabia fazer nada e dizia: “Se a senhora me deixar aqui em Copacabana, eu não sei voltar para casa”. Achei muito gratificante você poder proporcionar isso àquelas crianças: a saída da favela para abrir uma conta bancária; conhecer outros lugares; ter todos os documentos na mão. Tinha criança que não tinha nem certidão. A gente fez todo o trabalho: tirou certidão, CPF, carteira de identidade; achei isso o máximo. Isso é uma coisa que o PAN²⁷⁵ deixou, um legado legal para essas crianças com quem nós trabalhamos. Tem de ter uma maneira, tem que ter alguma coisa que dê para trabalhar com esses jovens. É preciso fazer alguma coisa em relação à violência aqui na Maré. Esse foi um trabalho que deu certo, pois ajudou muitos desses meninos.

Outra coisa que precisa mudar é o trabalho da polícia. Eu acho horrível o trabalho da polícia dentro da favela. Eles não respeitam os moradores. Eles não têm o tipo de abordagem que eles fazem lá fora. Quando vão abordar uma pessoa lá fora, eles se identificam. Aqui não; aqui dentro eles já chegam batendo, xingando. Eles humilham as pessoas. Um dia, eles prenderam o filho do meu vizinho, um senhor trabalhador. Então, o meu vizinho foi lá falar com eles. Ele foi direito, com respeito. Aí, eles xingaram meu vizinho, bateram nele, todos nós vendo e sem poder fazer nada. Eu fico triste. Porque eu me sinto como se nós, dentro das favelas, não fôssemos nada, nada. Eles entram nas casas sem avisar. Graças a Deus, na minha casa nunca entraram, mas já entraram na casa de minha vizinha. Quando ela acordou, o PM estava dentro da casa dela, entrou pela laje. Eles não fazem isso lá fora. Eles não vão entrar na casa de

²⁷⁵ Jogos Pan-Americanos, evento realizado no Rio de Janeiro entre junho e julho de 2007.

ninguém ali do outro lado da Avenida Brasil; pode até saber que tem um bandido lá dentro, que eles não vão entrar. Mas aqui, na nossa casa, eles entram, sem pedir, sem fazer nada. Uma coisa que acho muito difícil conseguir é esse respeito que nós temos direito. Eles não deveriam entrar atirando. Muitas vezes eles já vêm atirando, e, então, os meninos respondem; mas, em geral, eles atiram primeiro. E quando os meninos atiram, eles respondem.

Agora, eu não tenho visto mais o caveirão entrar como estava entrando, xingando, falando aquele monte de besteiras²⁷⁶. Ele não tem entrado mais com aquela frequência de antes; talvez seja por causa desses debates, dessas falas que estão tendo na própria mídia, que repreende e fala alguma coisa; acho que eles estão moderando um pouco.

Eu acho que a polícia mudou muito. A polícia agora não é o que era antigamente. Ela foi denegrindo de tal maneira, que você não vê respeito mais em quase lugar nenhum a eles. Dentro da favela, nem a polícia respeita o povo nem o povo respeita a polícia. Mas, antes, a polícia era respeitada em qualquer lugar. Antigamente, se um policial chegasse, te abordasse, você tinha aquela educação de tratar, de responder o que ele estava perguntando. Agora, nem o cidadão quer responder; até porque a polícia já vem com aquelas perguntas agressivas, que te tiram o direito até de responder bem. Por mais que você queira, eles já abordam a pessoa de uma maneira agressiva. Está faltando o relacionamento entre a polícia e as pessoas.

A polícia deveria agir aqui na favela como ela age lá fora. Chegar educadamente; se tem um mandado de busca, entrar na tua casa. Tratar a pessoa com dignidade, bater na porta, perguntar se pode entrar e fazer as perguntas. Como uma vez, quando bateu um, de manhã, na minha casa. Ele era da Civil e, por incrível que pareça, não foi agressivo. Na época, eu ainda tinha o meu filho; ele estava na escola. Quando eu fui saindo, o policial estava na porta; ele me deu bom dia e perguntou quantas pessoas moravam na casa; eu falei: “Eu, minha tia, minha prima e meu filho”. Então ele perguntou: “Cadê teu filho?”. Eu falei: “Ele está aqui”. Ele estava descendo a escada com a mochilinha nas costas; aí, ele disse: “É esse aí?”. Eu respondi que sim. Então, ele deu bom dia e foi embora. Se meu filho fosse um homem, não sei qual seria a reação dele, o que ele ia fazer, se ia fazer perguntas etc. Eu vejo que falta isso, esse respeito na maneira de tratar as pessoas dentro da favela.

²⁷⁶ O sistema de som do carro blindado, de acordo com várias denúncias de moradores de favelas e de organizações sociais, foi utilizado com frequência, para ofender os moradores e provocar os integrantes das facções.

Hoje está fazendo sete anos que enterrei meu filho. Ele era meu filho adotivo, tinha vinte e um anos. Era um menino bom, trabalhador. Ele sempre trabalhou de carteira assinada. O primeiro emprego que ele arrumou de foi marrequinho nas Sendas. Quando eu soube, já estava tudo arrumado, era só para mim assinar; depois, ele foi trabalhar de técnico de ar condicionado, porque ele fez o curso no SENAI. Aí, ele foi para o exército, ficou um ano e pouco no exército. Então, ele foi trabalhar numa outra firma, de *office-boy*; já era a terceira assinatura dele na carteira; nunca deixou de trabalhar.

Eu estava indo para uma festa de aniversário de um ano; convidei ele para ir comigo, mas ele não quis. Eu fui para a festa e ele ficou na rua principal. Eu peguei a kombi e fui para a festa lá no Fundão (local onde se situa a UFRJ, vizinho à Maré). Quando acabei de chegar, recebi a ligação de uma pessoa dizendo que ele havia levado um tiro.

Ele tinha ido lanchar na (rua) principal, do lado da padaria. Ali tinha uma coisa de açaí; ele adorava açaí. Ele entrou, comprou um hambúrguer e um copo de açaí – que estava em promoção – e veio atravessando a rua. Foi dezenove e dez da noite. Quando ele atravessou, todo mundo só viu quando ele foi para trás e caiu, as coisas que ele tinha na mão caíram para lá, no chão. A namorada dele estava ali, do outro lado da rua, esperando por ele; ela tinha uma filhinha e as duas estavam esperando ele e assistiram a tudo. Foi incrível, porque não tinha tiroteio na hora; se tivesse havido tiroteio antes, todo mundo já estava de sobreaviso, e na hora não estava. Tinha havido tiroteio de tarde, mas nessa hora não, a rua estava cheia de gente.

Aí, veio um carro de uma pessoa – depois eu soube que era um pastor – que estava passando e socorreu na mesma hora; ele foi levado para o hospital de Bonsucesso. Quando me avisaram, eu saí correndo da festa na mesma hora, peguei um carro e cheguei logo lá no hospital. Quando cheguei, me informaram que ele já tinha dado entrada morto, que tinha morrido na hora. A bala pegou no coração, perfurou e saiu.

O tiro não foi da polícia; não tinha polícia na hora. Geralmente a polícia não entra aqui de noite; era aquela coisa que eles tinham aqui de ficar um atirando para lá e o outro atirando para cá, eles sempre faziam isso né? Os meninos daqui atiravam para lá, e os de lá atiravam para cá.

Quando eu fui lá liberar o corpo, tive que entrar na 21ª (Delegacia); fui lá e registrei a queixa. Enfim, não deu em nada. A única coisa que deu foi que, depois, quem resolveu tudo foi meu sobrinho. Quando passou um ano da morte do Junior, o meu sobrinho me chamou e disse que tinha recebido uma

intimação, proibindo ele de viajar. Ele foi lá na 21^a e tinha um inquérito aberto. O delegado chamou ele e perguntou de que facção era meu filho; se ele estava trocando tiro; onde estava a arma. Ele ficou muito chateado, disse que o primo não era envolvido; o delegado insistindo que ele era de facção. Falou que ele foi enterrado com pompa, que a Nova Holanda toda estava com pixação na parede com o nome dele e que a gente tinha feito manifestação no dia em que ele morreu. Meu sobrinho falou: “Não, ninguém fez manifestação no dia em que ele morreu; fizemos uma passeata pacífica do lugar em que ele morreu até à igreja onde foi celebrada a missa, o ponto de encontro, pois vinha gente de vários lugares. Então fizemos uma concentração no lugar que ele morreu e fomos até à igreja, sem tumulto nenhum”. Aí, o delegado falou: “Por que ele tinha plano funerário e seguro de vida? Fizeram manifestação, fizeram camiseta, ele tinha plano funerário; devia ser muito importante na favela”.

Seguro de vida ele não tinha e plano funerário ele tinha, porque eu sou a mãe e eu achei que tudo que eu tivesse que fazer para mim, eu teria que fazer para ele, né? Eu peguei ele para criar e tudo de bom que eu podia fazer para ele eu procurei dar; então essa era uma das coisas que eu achei necessária dar para ele e eu fiz. “Olha”, disse o meu sobrinho, “se ele era importante na favela, eu não sei, para mim ele era muito importante”. E perguntou se eles estavam investigando; eles disseram que estavam”.

Depois disso, eu fui lá na 21^a e falei: “Por que vocês não chamaram a mim, que sou a mãe, que vim aqui registrar a queixa? Vocês estão chamando o meu sobrinho, que me ajudou numa hora que precisei”. “Não, é porque nós achamos que ele deveria saber mais, por causa da idade; ele devia de ter algum envolvimento junto com ele, a senhora vai ser chamada”.

Sete anos se passaram, eu estou esperando ser chamada até hoje. Ninguém falou mais nada, nunca mais a polícia me chamou; mas eles sabiam da passeata, eles sabiam que aqui tinha várias paredes com mensagens sobre a morte, tudo o que tínhamos feito eles sabiam, mas não sabiam quem matou. São coisas que acontecem na polícia; acho que se eles quisessem, eles descobrem tanta coisa, acho que se eles quisessem, poderiam investigar e descobrir quem foi. Você fica sem saber por que eles fazem algumas coisas, como eles sabem de determinadas coisas, como eles investigam. Não saiu uma nota em jornal nenhum, não saiu na televisão, não saiu em nada; como eles sabiam da passeata? Como eles sabiam que o Eli Junior tinha um plano funerário? Como eles sabiam como é que tinha sido feito o enterro? Como é que eles sabiam do volume de pessoas, que tinham quase trezentas pessoas no enterro? Sobre isso,

eu falei: “Olha, deve ter perdido a conta, porque eu acho que tinha mais, eu não tinha noção da quantidade de amizades que o Eli Junior tinha aqui dentro da favela”.

Eu sempre falava com ele: “Olha, cuidado com o que você faz, com quem você anda, porque eu tenho um nome aqui dentro, eu tenho um nome; você está conversando com fulano?”. “Tia Helena (às vezes, ele me chamava de mãe e às vezes, de tia), eu não tenho culpa se ele entrou para essa vida, ele era meu amigo, eu só parei um pouquinho e conversei com ele”. Eu sempre ensinei a ele a não ter preconceito, eu acho que a cor não tem nada a ver, eu não tenho isso comigo, mas alertava: “Você tem que ver que se você tiver em um lugar e a polícia chegar, eles não vão em cima dos branquinhos, eles vão em cima de você; então procura ver com quem anda, com quem você fala”. “Fulano é meu amigo de muito tempo, eu sempre falo com ele para sair dessa vida”.

Então, ele era muito querido, nem eu mesma sabia. No dia que ele morreu, alguns dos meninos mandaram lá me pedir se eu não me incomodava em fazer no Cacuia, porque se fosse no Caju, onde eu queria fazer a princípio, eles não poderiam ir. É coisa de facção; eles que são envolvidos não podem ir para o Caju, é outra facção E foi muita gente; da favela, de fora e até *meninos* envolvidos.

Depois do enterro, os *meninos* vieram falar comigo e perguntaram: “Tia, a senhora quer que a gente vá lá?” “Não, vocês sabem quem foi? Vai adiantar vocês chegarem lá atirando em todo mundo? E se uns daqui morrerem, não vai ficar pior? O que a gente tem que fazer é pedir a Deus para que isso pare e mais nada, porque não vai adiantar”. Depois, por vários anos, os amigos fizeram festa em nome de Eli Junior; eu tenho várias camisas que eles faziam. Tinha uma festa que eles faziam e o Eli Junior era o líder dela, ele que organizava.

Foi uma coisa que me marcou muito. O meu chefe me perguntou se eu queria sair daqui; eu disse: “Agora não, se tivesse que sair, eu teria que ter saído antes, né?”. Eu consegui criar ele aqui dentro, sem se envolver, trabalhando, se dando bem com todo mundo; eu nunca vi necessidade de sair daqui. Aconteceu aqui né, mas não creio que por morar na favela; você pode morrer em qualquer lugar, né? A favela leva culpa, porque aqui tem violência; mas só que há pessoas que morrem lá fora, num tiroteio dentro de um ônibus, em um assalto, em outros lugares. Ele trabalhava de *office-boy*, levava valores, ele poderia ter morrido em outro lugar; então eu não senti necessidade de sair da favela por causa da morte dele.

Doeu; dói até hoje, dói muito. Eu passo num parque municipal, vejo os

garotos com a camisa do Flamengo e lembro muito: ele ficava enlouquecido com o Flamengo. Fui assim no domingo, todos os colegas deles estavam lá na rua, parecia que eu estava ouvindo a voz dele, xingando, gritando; ainda cheguei na porta e olhei, estavam todos eles: Marquinhos, Chaguinhas, Enoque, todos eles. Só estava faltando ele ali. É muito difícil conviver com isso, com essa perda. Um dia, numa das missas que eu fiz para ele, os garotos foram todos comigo. Quando nós voltamos, paramos em frente da praça. Aí um deles, o filho da nega, falou assim: “Tia, se tem uma coisa que a morte do Eli Junior valeu foi que ninguém mais ficou parado aqui na esquina, ninguém pára mais”. Eu fiquei observando; pelo menos os garotos que andavam com ele não ficam parados na esquina da (rua) principal. Tem os envolvidos, mas eles têm mania de ficar ali. Acho que muitos sempre têm na lembrança deles aquele fato; quando tem tiroteio, a principal fica limpinha, ninguém atravessa, foi um ato que marcou.

Sim, nós temos de fazer alguma coisa para acabar com essa violência. Tem que ter todo um preparo, escolher as pessoas para fazer, porque tem gente que gosta de uma baderna, aproveita a coisa para poder sair *no tapa*. Por exemplo, você vai fazer uma passeata na frente do batalhão, algo assim, junta aquele monte de gente; aí tem gente querendo xingar, falar palavrão, eu acho isso horrível. A gente não tem que se rebaixar, acho que tem que ir com dinâmica, com palestra, com papo, mostrando o direito. Todos nós deveríamos saber o nosso direito: como tem que ser abordado. Teve uns panfletos sobre isso que achei muito bom, sobre como você tem que reagir, o que pode falar; porque a polícia chega e vai apertando, né? Então, teria que ter uma conscientização para essas crianças, esses garotos que estão aí, que nunca são ouvidos; mostrar como eles podem reagir, como eles têm que se portar, qual o seu direito aqui dentro da favela.

Acho que seria muito importante fazer palestras, debates, as pessoas espalhando panfletos, colocando nas casas. Isso intimidaria um pouco a ação deles. Não é que vai parar; mas, se o policial chega em uma casa e vê ali um panfleto falando alguma coisa sobre o direito do morador, talvez ele não seja tão agressivo. Então, são coisas assim que a gente deveria fazer”.

9.4.**Fala de integrante de uma facção criminosa da Maré**

“Eu tenho trinta e um anos. Minha família veio da Paraíba. É uma família de trabalhadores e minha mãe é muito religiosa. Nós somos quatro irmãos. Somente eu entrei para a vida do crime. Eu acho que decepcionei a minha família. Eu sou traficante, mas eu não quero matar ninguém. Eu sei que sou um traficante, mas eu acho que a polícia deveria agir na favela com mais respeito ao ser humano, igual eles fazem na Zona Sul. Tem casos em que, realmente, a polícia até age com respeito, quando ela duvida de onde eles vão indo, qual o morador que eles vão mexendo, mas a maioria das vezes eles são ignorantes. No caso, eles não param as pessoas e perguntam. Eles já julgam, sem saber se a pessoa é envolvida no tráfico ou não.

O desrespeito maior que eu acho, abuso mesmo, é quando a polícia usa a chave mista e vai abrindo as casas dos moradores enquanto eles estão no trabalho²⁷⁷. Muitas vezes, realmente, eles não mexem em nada quando entram; eles veem que não tem ninguém, trancam conforme a pessoa deixou. Mas isso não é certo, né? A pessoa só passa a saber que a polícia esteve na sua casa pelo vizinho.

Esse batalhão que colocaram na Maré, eu acho que ele complicou mais a vida de todo mundo aqui. É que, depois dele, eles passaram a achar que têm o poder mesmo. Antes eles chegavam mais calmos; agora eles já chegam com mais atitude. Antes, quando o batalhão era em Benfica, a polícia chegava devagar para entrar na favela. Hoje em dia, eles já vão dentro da favela, dia e noite. A questão se complicou mais, tem mais extorsão e tudo mais. Complicou muito, eu só não sei explicar agora muito.

Nós não atira à toa. A senhora vê tiro durante o dia, há tiro durante o dia? Há traficante dentro da comunidade, mas, durante o dia, não tem resistência contra a polícia, não. O problema do caveirão é à noite. Quando nós reagimos a eles, a maioria das vezes é que nós estamos defendendo o tráfico. Eles sabem que o tráfico existe, então a atuação deles é chegar atirando por isso? Complicado, né?

Eu acho também que o caveirão é uma proteção para o policial. Isso é verdade, sim. À noite, o tráfico fica ali. Então, se vir homem com homem, ninguém vai correr né? Mas, se vem o caveirão, a história se complica. Tem que correr mesmo. Mas essa questão de blindado piorou muito o conflito entre os bandidos e a polícia. Eles vêm com esse carro, e como fica a gente, nesse caso?

²⁷⁷ Os moradores da Maré dizem que essa tem sido uma prática comum e das mais ofensivas no cotidiano.

Nós temos que nos defender e só resta enfrentar eles. Quando a polícia vinha à paisana, a gente sabia com quem estava lidando. Era uma guerra homem a homem. Agora não, a gente não sabe quem está lá dentro. Qual a munição deles. Eles veem, e a gente já não sabemos quem tá escondido.

Outra coisa ruim é que eles xingam os moradores, as mulheres e as crianças, principalmente os que estão na rua. O caveirão passa, ofendendo os outros. Por que eles precisam fazer isso, se o caso deles é com nós, traficantes? A polícia tinha que ver isso. A polícia não pode *esculachar* o morador. Morador não tem nada a ver com isso. Isso tá errado. Sou revoltado com isso. Eu não acho que todos os policiais são assim, tem uns que são evangélicos, que respeitam o morador. Veja só, às vezes a polícia vai na minha casa me prender e não me acham. Alguns respeitam a minha mulher e a minha mãe. Eles sabem que elas não têm nada a ver com a minha vida. Já têm outros que chegam lá e querem estuprar minha mulher, mexer com ela, xinga. Mas isso não são todos os polícias. Têm uns que são respeitadores, mas sempre têm na classe aqueles safados.

A cadeia foi uma escola para mim. Quando estive preso, o tratamento era tranquilo. Lá é que nós enxergamos mais sobre a vida. É lá que, quem quer se recuperar é o momento de ser recuperado. Não que a cadeia ensine coisa boa. Mas o sofrimento é tão grande, que a gente deve pensar duas vezes antes de voltar para o crime. Já pensou? Você ter a sua liberdade, o direito de ver seus amigos da comunidade, a sua família. Quando eu estava preso, eu pensava em sair outra pessoa; a cadeia aonde eu estava era tranquila. Pelo menos onde eu estava o tratamento era tranquilo mesmo. Ninguém me perturbava. Nós tinha nossa visita, nosso alimento e tinha os momentos para tudo. Até dormir era tranquilo, a higiene também era tranquila. As pessoas na cadeia me tratavam como um ser humano normal, tratavam bem.

Eu ainda tenho um sonho da vida: eu quero trabalhar, quero conseguir criar a minha família e casar com a minha esposa; meu principal sonho é casar. Eu ainda não consegui, mas eu ainda vou conseguir. Eu vou casar, vou conseguir sim.

Eu acho que os policiais devia ser mais honestos. Isso tornaria o tráfico, por necessidade, também diferente. Porque eu sou do tráfico, mas todo mundo tem direito de ter uma segunda chance. Às vezes, a pessoa se envolveu no tráfico, está ali e aí cai na mão de um policial que não é honesto. A pessoa tem que ter dinheiro para ser solta e nessa de ter dinheiro para ser solta pelo polícia, ela tem que voltar para ganhar mais. É assim que a pessoa se aprofunda mais e mais no tráfico. É como uma bola de neve.

Veja o meu caso; eu tenho uma família exemplar. Eu entrei pro tráfico por questão de bobeira mesmo, não foi por necessidade. Na época eu queria ter moto, eu

queria tirar uma onda de *playboy*. Eu queria ter coisas que não tinha condições de ter. Acabei tendo essa vontade, vontade tremenda de ter moto e comecei a ficar olhando pros caras ali, eu comecei fazendo um favor para uns e outros e depois eu comecei a traficar e até hoje eu não consegui nada. O que me fez entrar no tráfico foi essa questão da moto. Eu me lembro muito bem hoje o que se passava na minha cabeça. Outra coisa que influencia é a televisão. Eu acho que a televisão faz muita apologia ao tráfico, mas na verdade a apologia tem que estar na lei e não no crime, está entendendo? Teve uma mini-série no canal quatro que é pura apologia ao tráfico. As crianças veem aquilo e passam a achar que a vida de traficante é boa. Isso é apologia, a criança, quando vê aquilo dali, passa a querer sentir. A criança não tem a maldade naquilo que está vendo. Aquilo ali é apologia mesmo, é onde faz a gente querer se envolver.

Também quando via os filmes de tiro – antigamente eu via os filmes de tiro, *Rambo*, essas coisas, me imaginava também fazendo aquilo. Hoje em dia eu não gosto de dar tiro. Mas no começo eu dava por empolgação, embriaguez, coisa de jovem. Quando eu fui crescendo, tendo raciocínio, passei a ver que não era nada daquilo. Isso era uma bobeira, uma ilusão, coisa de criança. Era empolgação mesmo de jovem; aí, quando passa a raciocinar e vê que não tem lógica, você se sente um bobo, um bobo mesmo”.

9.5. Dois policiais

9.5.1. O praça

“Eu tenho trinta anos de serviço, sendo que vinte e seis anos são na Polícia Militar. Eu trabalhei mais com a parte de pessoal, com o planejamento da polícia. Eu trabalhei mais interno do que externo. Trabalhar interno era até melhor para mim, mas eu trabalhei na rua também. Eu trabalhei em três batalhões, no 6º, que foi o meu batalhão de origem; trabalhei no 16º e depois vim para o 22º, para trabalhar no Centro Comunitário de Defesa da Cidadania para a Maré. Eu achei isso uma bênção.

O CCDC foi criado pelo Governo do Estado, na época, com uma boa intenção. A finalidade era tirar a força do tráfico. Naquela época, os moradores precisavam de muitas coisas que o governo não atendia e, então, eles iam lá na boca. Precisava de um remédio, iam na boca; morria alguém, iam na boca; precisava de atendimento social, eles iam na boca. Então a finalidade do governo em criar o CCDC era exatamente para tirar a força do tráfico, para trazer a comunidade para o Centro.

Eu não me lembro quando o CCDC veio para a Maré, não me lembro exatamente, mas eu acho que tem mais ou menos uns dez anos²⁷⁸ Eu comecei a trabalhar desde a inauguração dele. Na ocasião, eu achei que ali me encaixava bem, era um tipo de trabalho que eu gosto de fazer, um trabalho social. Apesar de ser policial, eu tenho uma visão diferente de um monte de policial aí. Deve ser por causa da minha criação em favela, porque eu nasci em favela.

Agora, fazendo uma análise do que foi a idéia do governo, acho que não deu certo o CCDC. Ele está aí até hoje, mas não deu certo. Porque, ao invés de tirar as pessoas do comando do tráfico, tiraram só as despesas que o tráfico tinha com a comunidade. Porque, até quando bandido morre, o chefe fala: “Poxa, foi eles que mataram, faz lá o enterro no CCDC”, entendeu? Esse dinheiro que eles gastavam com enterro, quem gasta agora é o governo. O que tira a força do tráfico mesmo é tirar as armas deles. Se você for lá no CCDC agora, não tem nada funcionando. Para não dizer que não tem nada, tem alguns cursos. Mas esses cursos têm em tudo que é lugar atualmente. Ficou uma coisa muito precária.

Eu comecei a trabalhar ali no CCDC e as pessoas passaram a me procurar muito. Elas não procuravam nem o chefe, que era um cargo político, procuravam mais eu. E eu sempre gostei de fazer um trabalho social, tudo que vinha eu tentava

²⁷⁸ O CCDC foi criado no segundo governo Brizola, em 1991.

atender. No início, o CCDC tinha várias coisas, projetos, vários atendimentos; identidade era no CCDC, um monte de coisas era no CCDC. Eu estava me destacando perante a comunidade; aí, ligaram lá pro batalhão dizendo “Tira esse policial daqui.” Ali é um cargo político, entendeu? Então as pessoas que estão ali são indicadas por políticos e eu não tinha nada a ver, estava fazendo um trabalho social. Então me tiraram do CCDC e me jogaram pro batalhão de polícia. Aí, eu voltei pro Batalhão, neste momento já na Maré, pois antes ele era em Benfica. Continuei trabalhando na minha seção de planejamento. Até hoje tem um policial destacado para o CCDC que é ligado ao Batalhão da Maré.

Como eu estava falando antes, eu nasci aqui na favela. Meus pais vieram do Ceará, com a minha irmã mais velha; eu nasci no Rio, na favela e casei nela. Como eu fui criado na favela, eu tenho uma noção diferente da de muitos policiais que não conhecem a favela, não conhecem a comunidade. Tem gente que conhece a favela só pelo jornal ou pela imprensa, o que ouve falar e não conhece ela como eu. Eles entram na favela, depois de passar no CEFAP²⁷⁹. O CEFAP é a escola de praças e a ESFO²⁸⁰ é a escola de oficiais.

Então eles saem da escola, da ESFO ou do CEFAP, oficial ou praça, achando que a favela é uma selva, porque é o que eles ouviram falar. Não conhecem como eu conheço, ou seja, mais de 90%, 98% são pessoas do bem. Então, quando eles entram na comunidade, eles pensam que estão entrando numa selva. Agora já eu, não; mesmo quando eu trabalhava na rua, quando eu entrava numa comunidade, sabia como tratar o cidadão, o cidadão da favela, da comunidade, porque eu também fui cria, fui nascido e criado em uma comunidade. Talvez isso influencie muito pelo trabalho errado que certos policiais fazem, chegar com violência, pensar que todo mundo é igual, bandido.

Muitas vezes o policial não tem preparo, o cara só ouve falar da violência da favela, do tráfico, de que quem mora na favela é conivente com o tráfico. Ele só ouve isso, e aí pensa que essa é a verdade; aí, entra desse jeito, entra com medo, entra agredindo moradores. Como muitos policiais fazem, não digo todos, mas a maioria é assim. Mas é assim, porque não teve essa vida que eu tive, essa vivência. Na escola, também, não tem o cuidado de ensinar essas coisas. A formação que os policiais recebem na CEFAP não é uma formação que se preocupa com a área social. Eu entrei há muito tempo atrás, não sei como está agora. Mas não via uma preocupação séria com isso.

²⁷⁹ Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças.

²⁸⁰ Escola de Formação de Oficiais.

Mas uma coisa eu te garanto: a Polícia Militar é a instituição que mais trabalha, é a mais bem intencionada. O que estraga são os policiais, as pessoas que entram. Tem até um ditado que diz que a polícia é assim por causa do povo e eu acho que é mesmo, porque a instituição tem duzentos anos e, quando ela foi criada, não era para o policial fazer certas coisas que faz.

Que nem o BOPE; está todo mundo elogiando o BOPE. Eu também acho que o trabalho deles é mais técnico. Mas é o trabalho mais violento que eu conheço, eles não respeitam ninguém. Eles acham que todo mundo que está na favela é bandido. Eu acho isso errado; tem que saber separar as coisas. Esse tipo de policial não arruma nada no serviço comunitário. Já tive exemplos da gente estar bebendo numa favela, numa noite de calor. Primeiro, os bandidos desceram, aí todo mundo, comentou: “Olha esses bandidos aqui, maior sacanagem, tendo uma festinha aqui, esses caras aí, por que eles não vão para outro reduto?” Todo mundo fez a reclamação a respeito dos bandidos. Eles nem demoraram muito, ficaram um pouquinho e saíram. Então a polícia veio; ela já chegou dando soco no copo, nos copos dos moradores que estavam bebendo, esculachando quem tava na festa. Então, o pessoal me cobrou: “A gente estava falando mal do bandido e agora a polícia toma uma atitude dessa”. Então é o tipo de policial que não sabe trabalhar. Porque, se tivesse algum bandido ali no meio, ninguém da comunidade ia chegar ali e *caguetar*, nem com um olhar. Pela atitude da polícia, eles não iam lograr de prender ninguém ali, por causa da atitude que foi tomada, pensando que todo mundo era bandido.

Então é o despreparo que faz com que aconteçam essas coisas na favela, que entrem atirando, que nem se preocupem em diferenciar se é o bandido, ou se é uma pessoa de bem. Isso que está faltando. Isso vem da escola, porque a escola também tinha de se preocupar com isso. Não sei agora, não sei como está, mas acho que não mudou muita coisa não. E a corrupção também impera, desde lá de dentro. Porque, às vezes, o cara está trabalhando aqui fora para poder levar alguma coisa para lá. Se o cara não levar, ele vai para um setor ruim, botam ele lá. Tem esses interesses também.

Vou te dizer uma coisa: eu sempre gostei muito da favela. Quando eu era menor, eu brincava de tudo que as crianças de comunidade brincam. Só não gostava de pipa, porque os meus pais achavam que quem soltava pipa era marginal; então eu jogava bola; o meu negócio era futebol. Eu vivi uma mocidade normal.

Eu tenho muitos amigos; ainda tenho até hoje. Uma das coisas que eu sinto mais falta é não poder mais circular nas favelas. Na minha comunidade, eu posso circular, porque nunca escondi de ninguém que era policial, até nisso eu sou

diferente. Tem policial que põe a farda atrás da geladeira para secar. Eu nunca botei; botava na corda da roupa; eu nunca escondi. Mas nunca tomei atitude com violência com ninguém. O que me segura na minha comunidade é exatamente a minha fragilidade, demonstrar que eu não sou violento em nada. Eu não dou tapa na cara de ninguém, não ando armado, eu vivo do mesmo jeito que os outros cidadãos da favela.

Eu tenho vontade de mudar um dia da favela, mas minha família está toda lá. O que adianta eu me mudar e ficar toda família morando lá? E as pessoas já me conhecem. O policial é um pouco discriminado em qualquer lugar que vá. De repente, eu vou para um lugar que ninguém me conhece e as pessoas falam “De onde veio esse policial? Será que está mandado? Será que veio olhar alguma coisa?” Então eu prefiro ficar na favela onde eu nasci e cresci. Eu não vivo a melhor vida do mundo. Eu vivo com medo, eu tenho medo, quando acontece alguma guerra no tráfico; nem só de bala perdida. O pessoal que está hoje onde moro gosta de mim, me conhece, um novo que entra de repente não gosta; eu fico, às vezes, com isso na minha mente. Eu tenho a minha consciência tranquila de que eu moro na favela como qualquer outro cidadão do bem; não tenho envolvimento com ninguém.

Quando eu escolhi ser policial, foi até um negócio engraçado. Eu era paraquedista do Exército. Depois, fui trabalhar à disposição do Exército, no serviço reservado, serviço secreto na época. Eu estava para acabar o meu tempo lá no Exército. Aí, eu casei; não dava mais para fazer prova para sargento, porque casado não podia. Eu falei: “Poxa, tenho que fazer alguma coisa, eu vou fazer prova pro Bombeiro ou para Polícia”. Aí eu resolvi fazer para polícia. A primeira prova que eu fiz, eu passei e entrei para a polícia. Foi assim a minha história na polícia. Quando eu entrei, não fui muito influenciado, porque já tinha três anos, oito meses e vinte e nove dias de Exército. Então já tinha uma mente formada, não é que nem muitos que entram pensando que vão ser o Rambo. Eu já tinha uma história militar.

Por incrível que pareça, eu vou te contar uma coisa, eu sou o campeão de disque-denúncia; eu acho que eu sou o policial mais denunciado do mundo. Muitas pessoas ligam e denunciam que eu sou envolvido com o tráfico, que eu trago armamento, que eu ando com bandido, um monte de coisas. Antigamente, no início da minha carreira, eu me preocupava muito com isso. Na minha carreira toda na polícia, no tempo todo que morava na favela, eu ficava sem saber de quem partia a denúncia; nunca a gente sabe quem faz. A gente fica em dúvida se foi um morador que não gosta da gente, porque tu é polícia e mora na comunidade; ou se é o

próprio policial que vê que você morando na comunidade, é bem relacionado, todo mundo gosta de você, você não anda armado. Isso eu não posso decifrar.

Eu consegui pegar a tranquilidade de saber que, toda vez que sou investigado, que vou depor, de dizer que só vão me prender, se me pegar num flagrante e numa coisa errada, que nunca vão me pegar vendendo armas, envolvido com bandidos. Eu procuro me proteger nessa parte. Não quero saber quem é, nem quero saber onde mora; quanto menos eu souber, melhor para mim. Essas denúncias aconteceram muito tempo; agora já pararam. Eu acho que desistiram de mim.

Quando as denúncias são feitas, a corregedoria vai apurar. Eles me chamavam para eu depor. Eu disse que era o campeão do disque-denúncia, porque parece que ninguém foi mais denunciado do que eu. Até o pessoal que me chama, o pessoal que investiga as denúncias diz “Chegou outra tua aí”. Eu vou depor; quando não tenho mais nada para falar e não comprovam o que foi denunciado, é arquivado.

Me vendo como morador, já vi coisas absurdas; e o que eu vejo mais absurdo é como seria simples resolver o problema do tráfico na minha favela, por exemplo. Com três viaturas a gente resolve o problema daqui. Três viaturas e não tinha nem mais tráfico. Têm uns locais estratégicos para a Polícia Militar que eles só põem esse tipo de policiamento, quando tem grandes eventos na cidade. Por exemplo, no PAN, eles botaram um policiamento lá na comunidade com três viaturas: uma numa praça, outra em uma parte bem central e outra numa área de entrada. Não é tão difícil, mas existe outros interesses em botar a viatura em certos locais, em determinadas comunidades; por isso não coloca. Isso é muito fácil.

O que acontece agora é que, por exemplo, o dono de um posto de gasolina pede para botar policiamento perto dele. Um lugar onde vai beneficiar apenas ele, então a comunidade, às vezes, fica sem entender. Porque a gente vê mais o *praça* na rua, mas a culpa também não é só do *praça*, é o oficial lá dentro que faz o cara fazer besteira aqui fora. Já vem de cima; é como se fosse o político que a gente fala, a corrupção, os problemas já vêm de cima, tem que haver uma mudança também nesse sentido.

A instituição em si é uma instituição maravilhosa; eu conheço gente maravilhosa na polícia. Eu conheço gente que pensa igual a mim, que pensa também que tem que ter o combate, que não tem que ser corrupto. A gente tinha que ter um salário melhor, mas isso não justifica fazer certas coisas. De repente, se tem um salário melhor, o cara não vai se corromper, ou, até pode se corromper, mas por uma coisa maior.

Eu tô vendo muita coisa aí, o policial aborda o cara, porque não está com o IPVA pago, a polícia está trabalhando mais em cima disso. Tem um policial que é de combate mesmo, que trabalha em cima do traficante, mas a maioria dos policiais quer trabalhar em cima do cidadão que é frágil, que não está com o imposto pago. Porque o cara não pagou o IPVA, quer levar o carro dele e o cara dá um dinheiro a ele. É isso que está acontecendo. Enquanto a boca de fumo está ali pertinho, e ele não vai lá, não tem peito para ir lá.

Tem policial que tem peito para ir, mas a maioria que eu vejo são esses policiais que querem pegar o dinheirinho do cara que passa sem o capacete. O cara está com o documento do carro, está com carteira de habilitação e ele cobra o capacete, porque é dentro da lei, tem que ter o capacete. Mas dentro de comunidade é questão de bom senso. Uma situação que constrange é essa: o cara querer multar você porque está sem capacete. “Meu chefe, estou na favela, se eu ficar de capacete e o bandido me encontra ali...” . Tudo para forçar a situação de dinheiro. É isso aí que eu acho errado. Combate em si eu acho certo, combate em cima da pessoa certa, ir em cima da pessoa certa, do bandido, do envolvido.

Na favela eu tenho experiência, porque eu nasci nela. Mas a minha experiência é mais no asfalto do que aqui. No asfalto, a gente vê mais corrupção do que nos morros. Porque o bandido não está dando muito acesso, muita trégua para a polícia. Virou guerra, eles estão trocando, guerreando mesmo. A corrupção, como não está dando para ser nos morros, está sendo no asfalto, para pegar os pequenos delitos. Eu não estou falando da Polícia Militar, eu estou falando de policiais errados; porque na polícia militar, a instrução é para abordar o carro a fim de encontrar armas e drogas. Mas como a lei dá uma brecha, porque o cara não pode andar com o IPVA que não está pago, eles aproveitam isso.

O objetivo do Batalhão na Maré foi mais por causa da Linha Vermelha, nem foi por causa da comunidade. Eu penso assim. Eu penso, porque continua a mesma coisa. Uma coisa que aconteceu, quando criaram esse Batalhão, foi que, na Nova Holanda, os moradores fecharam a rua, fecharam a Linha Vermelha. Hoje em dia, se for tirar esse batalhão de lá, eles vão fazer a mesma coisa. Eles vão fazer isso para não tirar. Porque esse batalhão deu segurança para pessoal do tráfico lá, infelizmente. Porque, quando colocaram o Batalhão lá, na finalidade da Linha Vermelha, o pessoal lá na Nova Holanda ficou com medo: “Ai, meu Deus, um batalhão aqui na área da Maré!”. Pensaram que o batalhão ia combater lá direto; sendo que o batalhão deu segurança a eles, porque ninguém invade; lá só a polícia mesmo. Já em outras comunidades que não tem o batalhão, todo mundo invade. No Morro do Timbau, na Baixa, no Pinheiro, a maioria das ocorrências que têm no 22º Batalhão é no Pinheiro, no Timbau, na Baixa

e em outras comunidades, mas, na Nova Holanda mesmo, é difícil. Eu não sei nem qual é o relacionamento, se é porque o batalhão é lá. O que sei é que não tem quase ocorrência lá, em termos de polícia.

A comunidade de Nova Holanda tem baile; tem baile que o caveirão arrebenta, mas, às vezes, é porque não caiu nada. Lá se tornou um local seguro, porque o bandido, para invadir, pensa duas vezes. Eu vejo assim: antes de ter a facção, ainda tem o batalhão, que fortaleceu mais o tráfico e o consumo de drogas na Maré, o consumo interno. É diferente de outras comunidades. Porque, por exemplo, o pessoal vai lá na Mangueira; vai lá na Varginha, o pessoal para de carro ali, na Leopoldo Bulhões, vai lá em Lucas. Aqui na Maré o consumo é interno, o próprio morador é que compra a droga. O cara fica tranquilo, ele não corre risco nenhum: ele está ali no quintal da casa dele. Tem essa diferença. Em outras áreas, tem deslocamento para apanhar droga; aqui, não tem.

O batalhão foi bom e é importante para a Maré. Mas a polícia ainda não trabalha direito. O bom seria se a polícia realmente trabalhasse para a comunidade, só para a comunidade mesmo. Eu ainda vislumbro, um dia, acontecer isso. Que a polícia combatesse mesmo, que a polícia não fosse corrupta. Aí sim, eu acho que seria importante esse relacionamento que eles querem fazer; a polícia cidadã: isso é difícil à bessa. Porque como é que vai ter uma polícia cidadã, se o próprio policial oprime o morador? Tem que dar carinho pro morador que chegar perto. Aquele caso que eu falei, no dia que os bandidos passaram: todo mundo falou mal dos bandidos, pessoas de bem; quando a polícia chegou, deveria dar uma tranquilidade. Chegaram fazendo pior; pelo menos os bandidos não bateram em ninguém. Isso que acontece: tem que ter uma polícia cidadã.

Eu acho que um policial deve saber diferenciar quem é do bem e quem é do mal, para ter crédito. O cara nunca vai denunciar um bandido para um policial que ele acha que é mais bandido do que ele, do que o próprio cara, entendeu? Por isso que eu acho que o batalhão foi uma boa coisa para a Maré, mas pode ser melhor. Se o trabalho for feito do jeito que a polícia militar quer. O comando geral da polícia tem uma orientação que, quando chega nos batalhões, não acontece.

Tem outra coisa também: tudo depende de quem está comandando. Tem comandante que é rígido; tem comandante que já é mais maleável. Eu acho que o trabalho tem que ser feito em cima do homem. A instituição é bem intencionada, mas esse trabalho tem que ser feito em cima do homem e com outras coisas também: programas sociais nas comunidades.

Em relação ao morador, são diversas as características que eu conheço. Por exemplo, na Nova Holanda o morador odeia o policial. Até porque eles já sofreram

muito. Policial fez muita coisa lá. Já em outras comunidades, por incrível que pareça, por exemplo o Timbau, o pessoal não odeia policial. Pessoal até atura, entendeu? Se for um policial bom, eles querem o polícia. Já na Baixa do Sapateiro, ninguém denuncia o bandido. Não tem disque-denúncia na Baixa. Mas o bandido no Timbau não pode subir o morro de dia, a boca só abre à noite. Ali, o morador já é mais conscientizado e ele denuncia. Então a comunidade tem que ser instruída.

Na Nova Holanda, é muito difícil disque-denúncia de policial. As denúncias chegam, e não tem como identificar de onde vem. Para denunciar, tem que falar: tem um tráfico na rua tal, os bandidos estão no local tal; somente pela rua é que você sabe. Então, pela rua a gente sabe quem está denunciando. O cara, por exemplo, que mora na Nova Holanda não pode denunciar o que está acontecendo no Timbau. Então, por isso, que você sabe. Então têm umas comunidades que ajudam e têm umas que não. Agora, dependendo da ocorrência, o policial vai ou não. O policial gosta de ir. Eu estou vendo o lado ruim, mas eu também estou vendo o lado bom. Eu sei que a instituição não tem culpa, mas o policial gosta de ir em um tipo de ocorrência que ele pode ter lucro.

Por exemplo, tem um carro roubado, toda hora tem carro roubado, o carro está inteiro, está com espelho, está com pneu. A polícia está pertinho e o cara que foi roubado deve estar lá desesperado. O pessoal não vem, ou, quando vem, o carro já está sem os pneus. Agora, se tu falar: “Tem um roubo de banco aqui, os caras tão com um malote aqui”, aí vai vir polícia que ouviu no rádio lá do outro lado. Eles trabalham mais em cima do seu interesse, não trabalham em cima de interesse da comunidade, interesse do povo. Estou falando do policial, que isso fique bem claro, eu não estou falando da instituição, a instituição é bem intencionada.

No meu caso, o comandante que ninguém gosta é justamente o que eu gosto mais, só para você ter uma idéia. Eu gosto, porque eles cobram, são rígidos; se ele pega furo, é cacetada, bota na rua. Para tu ver, mesmo eu sendo denunciado direto, nunca me preocupei com esses comandantes, porque eles sabem que eu trabalho corretamente. Então o comando tem muita culpa. Quando tem passagem de comando, os policiais ficam logo preocupados, querendo saber quem vai vir. Policial mal intencionado, não é? Policial sério não esquentava não; quem vier, tá bom.

O morador pode ajudar a melhorar o Batalhão da Maré. Mas o morador ajuda da maneira dele, né? Com denúncia, ajudando a polícia; mas é aquele negócio, ele corre muito risco, porque ele não sabe em quem pode confiar, entendeu? Quando criaram esse batalhão da Maré, a finalidade também era a integração com a comunidade. Eles colocaram um curso de informática para a comunidade, doaram roupa, um monte de coisa. Mas isso não funcionou; porque

quem ia entrar no batalhão para fazer curso? Tinha um cara de Nova Holanda que vendia cocada lá no batalhão. Eu adorava a cocada dele. Um dia, ele chegou por trás, pela Linha Vermelha, não veio mais pela frente. Eu falei: “Meu irmão, o que houve para você vir por aqui?”; “Andaram falando comigo uma coisas, me ameaçando, e eu achei melhor não arriscar”. Eu sei que esse cocadeiro sumiu, nunca mais apareceu lá. Até hoje ninguém sabe. Tomara que não tenha acontecido nada, entendeu? Mas ouvi dizer que sumiram com esse cara. Não sei. Mas você vê como é que são as coisas.

O batalhão vai ter agora um dia de ação da cidadania. Aí o comandante pediu aos líderes comunitários para encher o batalhão de gente. Eu acho que vai falhar esse dia da cidadania. Vai falhar, porque não tem como. Essa integração é difícil, Polícia Militar e comunidade. A dificuldade é a falta de confiança. Esse problema de relacionamento do batalhão com os moradores da Maré depende dos dois, para ser solucionado. É difícil; também depende do governo. Eu queria encontrar uma peça nesse tabuleiro de xadrez, para mover, para poder fazer essa integração, mas é muito difícil. Como conscientizar o morador que a Polícia Militar está ali para ajudar ele?

Eu acho que um pouco o trabalho social nas comunidades ajudaria muito, mas eu penso que tem de ser, também, com as pessoas certas que vão fazer esse trabalho. Que nem você: você me transmite confiança. É confiança que o morador precisa ter na polícia. No Timbau, a comunidade tem mais confiança na polícia. Isso porque a polícia não é muito agressiva lá e os moradores acreditam mais que se deve ter polícia.

Na Maré tem posto policial dentro. Vou começar por ordem de criação: o primeiro DPO da Maré foi o da Baixa do Sapateiro; depois foi o do Parque União, Vila do João e Praia de Ramos. Atualmente é PPC – Posto de Policiamento Comunitário. DPO é Departamento de Policiamento Ostensivo. Na Nova Holanda, teve também um, mas acabou. Na época, a idéia era acabar com todos, mas alguns foram reativados depois. Eles acharam que, pela localização do DPO em alguns lugares, o policial ficava muito exposto. Na minha opinião, o DPO deveria atuar melhor. É o comandante do batalhão que é responsável pelo trabalho do DPO, mas é difícil trabalhar neles. Têm cinquenta traficantes na favela e três policiais no DPO; mas, para o morador, se não tiver um DPO, aí que vira tipo na época do faroeste: quem tem as armas é que manda. Porque o DPO é um refúgio. Porque, se o cara quer matar ele, ele vai correr para onde? Vai para Igreja? O cara está no sufoco, vai correr para DPO; nem que seja para a polícia matar ele lá dentro, mas tem que correr. Ele é um motivo só para fuga mesmo, porque atuação de PM, no caso do DPO, é muito precária. O PM que trabalha no DPO

não tem como atuar. Infelizmente, ele não tem como trabalhar. Ele, hoje, dorme, bota as mãos nos olhos e não vê nada. Finge que não vê. Vê e finge que não vê. Porque não pode nem patrulhar.

O DPO, antigamente, na Nova Holanda, patrulhava, no tempo do policial chamado Mangueira, por exemplo. O Mangueira já deve ter caído, já deve ter morrido. Negão oitocentos, aqueles policiais antigos, a gente via fazendo alguma coisa. Lembro-me do Guedes, da família Guedes. Eles foram promovidos por bravura outro dia. Eram cinco policiais da família Guedes. Quando teve uma invasão na Vila do João, do pessoal da Rocinha que invadiu a Vila do João, eles mataram vários bandidos e prenderam várias armas; já tem uns anos. Eles foram promovidos agora, porque correu um processo. Viram que eles fizeram tudo legal, dentro da lei. A Polícia Militar promoveu eles por bravura, sem prova, sem nada.

O salário do policial é um *esculacho*. Isso é uma das coisas erradas da polícia. O próprio Governo *esculacha* o trabalho do policial. Como é que o policial, que trabalha que nem eu, trabalhei há trinta anos, estou quase me aposentando, hipertenso, síndrome do pânico, um monte de coisa que eu tenho por causa do meu trabalho? E estou recebendo dois mil e quinhentos reais. Tu acha que pode um negócio desses? Qual a motivação que o cara tem? Isso não motiva o *cara* que não tem boa índole a roubar? Tem polícia que faz segurança.

No meu caso, eu quero parar de trabalhar mesmo. Eu já trabalhei muito em segurança de condomínio, escoltando caminhão. Já teve vez de ter três empregos; no início da minha carreira, quando eu era soldado, eu tinha três empregos, para eu poder fazer as coisas, para eu poder formar meus filhos. Eu tinha que me desdobrar. Trabalhava cansado, e, quando o cara trabalha cansado, ele não rende. Se ele tivesse um salário legal... A Polícia agora deu 8% de aumento, depois de cinco anos sem dar aumento.

O polícia ganha mal em relação à função, mas, em relação ao mercado, ele não ganha tão mal. Porque ninguém está ganhando mil reais. O policial que entra agora já está ganhando isso. Só que não tem uma motivação. Os *caras* não dão o aumento que o *cara* precisa durante a carreira dele. Mas quando entra, o cara ganha mil reais. Quem ganha mil reais? É difícil. É pouco em relação à função. Policial militar tinha que ganhar, no mínimo, cinco mil reais, sem brincadeira, pela função. Mas, em relação ao mercado, ganha bem. O problema é que todo mundo ganha mal no nosso país. Veja o professor; ganha uma mixaria, ganha menos do que eu. Quando eu entrei pra Polícia Militar, eu não tinha nem segundo grau.

O que eu estudei, pelo que estudei, eu sou sargento da Polícia Militar, eu não estou satisfeito. Se eu entrasse como oficial, me aposentava como coronel. Mas, em

relação a minha vida, eu estou satisfeito. Não com o salário, porque eu não estou satisfeito com esse salário, mas com o meu grau de escolaridade, meu grau é até bom. Eu tenho o segundo grau só. Quando eu entrei para Polícia, tinha o primeiro grau. E, agora, tem gente com faculdade querendo entrar para polícia. Eu não sei se é porque não tem emprego; eu não sei se está querendo um gancho, prá fazer alguma coisa, mais para frente. Não sei se está mais difícil”.

9.5.2. O oficial

“O que eu vejo hoje é que, muito embora a situação seja complexa, o Estado está tentando reverter o quadro de violência que existe, e não pode ser por outro caminho, senão o Estado como um todo mexer nisso. Hoje, você vê um investimento maior criando a UPA, procurando fazer PAC, procurando resgatar a cidadania dessas comunidades. Nisso tudo, a segurança vem junto; você não pode pensar somente no aspecto específico da segurança. Isso seria para o estado ideal, se a população já tivesse tudo, você poderia pensar somente segurança, só que o nosso estado está muito distante do ideal. Você tem que pensar na segurança com aqueles elementos que seriam necessários antes da segurança. Hoje, o Estado está tentando olhar para essas comunidades de uma forma diferente; está procurando ouvir, procurando dar melhor saúde, procurando melhorar a escola, tentando instrumentalizar melhor a polícia.

Nunca a polícia esteve tão voltada para cursos de prática policial cidadã. Então eu vejo que não está tentando somente no aspecto social, mas também no aspecto policial. Está tentando dar um novo perfil à corporação e isso é também coisa que demanda tempo, investimento. O Estado está investindo muito em viatura, em fardamento, mudando a imagem da Polícia. Está tentando pensar em segurança de uma forma mais abrangente, especificamente nessas comunidades, é o que eu vejo.

Já o raciocínio que os moradores dessas comunidades têm de segurança é o seguinte: como eles vivem muito oprimidos naquele local, eles pensam que segurança é não ter tiro! A segurança que eles querem, na verdade, é não ter risco, estando quem esteja, não havendo confronto, não havendo nada que coloque em risco a vida deles. O que está em jogo, para eles, já é suficiente, seja o vagabundo, seja o policial. Na realidade, eles não têm nada contra a polícia; eles têm é contra tiro, porque tiro mata. Eles têm esse medo; se a polícia entra, tem tiro, se a polícia não vai, continua do mesmo jeito, e não tem tiro; então para eles a vida é melhor;

eles pensam assim. Eu penso que, na realidade, não é uma forma errada de pensar não. Eu acho que eles raciocinam segurança mais ou menos por aí, o que eles pensam que seja a segurança.

A violência cresceu bastante ao longo do tempo, o que impossibilita, muitas vezes, a Polícia, realmente, de atuar de uma maneira mais direta. Isso basicamente aconteceu, porque as organizações criminosas cresceram muito. E por outro lado, durante algum tempo, o Estado deixou essas comunidades, de certa forma, de lado; pois, teoricamente, elas não davam problema. Deixou para lá, sendo que o problema foi aumentando, foi se estruturando e hoje o nosso grande problema é a venda de drogas, que ocasiona o armamento. Então, se o Estado não permitisse isso, se não tivesse deixado esse problema se instalar e as facções criminosas se organizarem com força, estaria apenas uma comunidade carente. Mas o Estado permitiu que isso crescesse, e agora está tendo que conviver com essa demanda, quer dizer, tentando conter, para que não cresça mais ainda. Na minha opinião, o tráfico de drogas é um dos principais geradores da violência.

Veja bem, a questão da educação. A educação cria a oportunidade para pessoa crescer. Então, se o jovem não tem a oportunidade para melhorar, para crescer, qualquer caminho para ele passa a ser opção, e a opção que ele tem, no local que ele está instalado, é o tráfico. Então ele tenta crescer ali dentro, daquilo que está à mão dele e acaba se filiando a ele, e por aí vai. E o final é quase sempre o mesmo: a morte.

Para se pensar caminhos para a segurança, numa área como a Maré, seria interessante ver o seguinte exemplo. A China deu a volta por cima; há praticamente trinta anos, ela investiu maciçamente em educação. Ela investiu trinta anos atrás, ou mais um pouco, e hoje eles estão tendo aí o resultado de uma potência econômica, não é? Então tem que investir em educação, tem que tirar essas crianças da rua, tem que ter políticas sociais de equilíbrio de natalidade, para que as pessoas não fiquem apenas nascendo, sem oportunidade. Muitas vezes, as mães não têm com quem deixar os filhos. Eu vi, pela experiência de trabalho na Vila Cruzeiro, meninas novas com doze, treze anos; elas têm vida sexual ativa, como se fosse uma mulher, e tem um filho por ano. Então não há estrutura estatal que suporte isso. Você teria que construir uma creche por ano; então é necessário investir nesse esclarecimento e cultura.

Não há outro caminho, você tem que ter a Polícia para limitar o crescimento da violência, mas não existe outra forma, não há fórmula mágica, para se reverter o quadro de pobreza, a não ser você qualificando melhor as pessoas. Tem que investir, tem que ter escola técnica, tem que ter curso, tem que ter universidade,

para as pessoas poderem se *alavancarem*. O ensino público é ruim; as crianças não aprendem nada e não conseguem chegar na faculdade. Vai gerando um ciclo e, no final das contas, não há oportunidade nenhuma, senão, quando muito, de ganhar um salário mínimo. É nesse contexto que a pessoa se vê sem oportunidade.

Aqui na Maré, por exemplo, eu acho que, na realidade, para nós, o importante é identificar o crime. Para o morador, o serviço que a polícia tenta fazer, na realidade, não é missão constitucional dela. A Polícia existe para a preservação da ordem. Então você realizar, fazer atividades sociais é bom, é válido, mas foge até a nossa existência. Isso porque, para nós, é para ter policiamento ostensivo fardado e repressivo. Então é válido ações comunitárias de cidadania realizadas no batalhão, tudo isso é válido; só que foge das nossas atividades. Eu acho que até ajuda a aproximação com os moradores, mas não pode ser realizado somente uma vez. É muito pouco, ou é ínfimo. Fazer uma ação social é muito pouco. Se deveria, em minha opinião, investir na comunidade. Nessa situação, a atuação da polícia só, sem nada, é como deter sequência de problemas com um bico de um fuzil: você vai lá já para prender.

Os moradores da Maré não procuram o batalhão para as funções de que realmente temos obrigação. Se for uma demanda policial, eles fazem de forma anônima: “Aqui tem um marginal que está se escondendo; ali outro abriu uma boca de fumo perto da minha casa”. Esse tipo de queixa é feita de maneira anônima. E eles, também, comparecem normalmente, quando há discrepâncias muito grandes relativas a direitos humanos, agressões, violações, a polícia entrar na casa dos moradores. Quando agridem muito, eles vêm sim. Eles têm essa cidadania.

Uma forma dos moradores reclamarem seria numa delegacia, que não existe na Maré. Agora, depende da delegacia; pois, para você criar uma delegacia, você tem que ter uma demanda, um volume de registros e, realmente, eu não sei se a demanda de volume de registro apontaria para a criação de uma delegacia aqui na região. Eu acho que alguns moradores até falam isso, mas não se seria mais pela funcionalidade, por estar mais próximo mesmo das casas deles. Será que eles deixam de registrar porque é em Higienópolis a delegacia que atende o morador daqui? Eu acho que muita gente não registra pela distância. Muitos nem sabem onde ela fica, e acabam abandonando a idéia de ir lá registrar; caberia um estudo, né? Normalmente, as coisas não têm registro. É difícil ter os dados da violência local. Então, em uma área com todos esses conflitos, grupos armados e tal, sem dúvida, se pudesse ter uma delegacia, seria possível dar uma atenção melhor.

No caso da atuação do batalhão, o fato dele estar na Maré não provoca uma diferença da sua conformação com os outros existentes. Seu modo operante é o

mesmo dos outros. Isso porque a polícia trabalha com a ilegalidade. Se aproximar da comunidade é bom, é válido, mas o nosso foco é a ilegalidade, né? Ajuda ter uma aproximação com a comunidade? É claro que ajuda, mas o importante, para nós, mesmo, é tirar a criminalidade. Ajudaria a população ser mais amiga, não haver essa distância? Ajudaria, mas o nosso foco, na realidade, é gerar segurança, e, naquele local, para gerar a segurança, tem que tirar a criminalidade dali.

A segurança, na literatura, tem uma linha que apóia a segurança primária; seria um nível de segurança em que você oferece esporte, saúde e tudo o mais para a criança. Essa deficiência generalizada que temos hoje das necessidades básicas gera, para a segurança pública, já que este é outro aspecto da segurança, um problema sério. Significa dizer que, para melhorar isso, não adianta investimento somente em armamento, em homens, que o problema vai ser resolvido. Tem que ter um investimento nessa segurança primária, para que você possa superar a falta de oportunidade que a população tem. O caminho para se resolver isso é só a médio e longo prazo. Para mudar o quadro agora de imediato, só com intervenção policial mesmo. A polícia ocupando. Seria a forma de você realmente trazer a paz definitiva, através da ocupação”.